

Busca por proteção leva ouro e prata a recordes

Para Ray Dalio, riscos geopolíticos crescentes provocam 'guerra de capitais'. BCs reduzem exposição a ativos americanos

ROBERTO MALFACINI JR.
roberto.malfacini@sigmat.com.br

A instabilidade na geopolítica global voltou a mexer com o mercado de metais preciosos. Ouro e prata renovaram recordes históricos nos últimos dias, impulsionados pelo aumento das tensões internacionais e pela crescente desconfiança em relação aos ativos financeiros dos Estados Unidos.

Para Ray Dalio, fundador da Bridgewater Associates — uma das maiores gestoras de hedge funds do mundo — o movimento sinaliza uma mudança estrutural na alocação global de capital, com bancos centrais reduzindo a exposição a ativos americanos. Em entrevista à Bloomberg, em Davos, ele afirmou que a alta do ouro vai além de um ajuste pontual:

— Quando você vê o ouro subir mais de 60%, isso não é apenas um movimento de mercado. Foi comprado principalmente por bancos centrais como forma de diversificar moedas fiduciárias, não apenas o dólar.

Dalio também chamou atenção para o que define como uma "guerra de capitais", menos visível do que a guerra comercial, mas com impacto

relevante sobre os mercados. Segundo ele, o discurso recente do presidente dos EUA, Donald Trump, ao descartar o uso de força militar na disputa pela Groenlândia, foi importante por sinalizar limites.

— Se houver um movimento militar, isso tem implicações diretas em uma guerra de capitais — afirmou.

FINANÇAS COMO PRESSÃO

Apesar do recuo de Trump nas ofensivas contra a Dinamarca e outros países europeus, a tensão recente seguiu sustentando a busca por ativos de proteção. Segundo o jornal The New York Times, o setor financeiro tornou-se um instrumento central de pressão da Europa sobre os EUA. Investidores europeus concentram cerca de US\$ 2 trilhões em títulos do Tesouro americano, o que lhes dá poder para influenciar o custo de financiamento da dívida do país em meio a déficits elevados.

O ouro ultrapassou pela primeira vez a marca de US\$ 4.950 por onça-troy (31,1g), acumulando valorização de cerca de 4,5% na semana e 75% em 12 meses, segundo dados da Bloomberg. A prata também avançou de forma expressiva e chegou a US\$



Refúgio. Ouro superou pela primeira vez a marca de US\$ 4.950 por onça-troy, acumulando alta de 75% em 12 meses

96,80 a onça, com alta semanal próxima de 13%.

A escalada ganhou força em 2026 em meio às tensões geopolíticas, à agenda de tarifas comerciais e ao movimento de diversificação de reservas por bancos centrais, em um ambiente de maior incerteza sobre a postura internacional dos Estados Unidos.

Luciano Costa, economista-chefe da Monte Bravo, concorda que a alta dos metais está ligada ao aumento do risco político global e tem caráter estrutural.

— A agenda de tarifas deixou de ser apenas comercial e passou a operar como ferramenta geopolítica, o que amplia a incerteza e reforça a busca por proteção — afirma.

Segundo ele, grandes investidores vêm reduzindo a exposição a títulos americanos, movimento que se estende além dos governos.

— Antes, a alocação em dólar chegava a 90% ou 95%. Hoje, há uma busca clara por diversificação, inclusive por parte de seguradoras e grandes gestoras — diz.

O fundo de pensão Akademiker Pension, da Dinamarca — a Groenlândia, cobiçada por Trump, é um território autônomo do país — ameaçou sair dos títulos do Tesouro americano até o fim do mês, citando riscos de crédito elevados. Para o presidente do banco suíço UBS, Sergio Ermotti, usar a dívida dos EUA como instrumento de pressão política é uma "aposta perigosa".

Para o professor de Finanças Gilberto Braga, do Ibmec, o comportamento dos

metais segue um padrão recorrente em períodos de forte volatilidade.

— Sempre que há incerteza sobre os ativos financeiros convencionais, parte dos investidores busca proteção em metais e em ativos reais, que preservam valor ao longo do tempo — afirma.

Braga destaca que a prata também tem sido favorecida pelo aumento da demanda na economia real, especialmente em setores ligados à tecnologia, à área médica e à indústria automotiva.

— A prata tem grande liquidez e procura consistente. Já o ouro é mais seletivo, com caráter predominantemente financeiro — diz.

Na avaliação de Maurício Cavalcante, economista da Ourosminas, o cenário econômico segue favorável aos metais, com tendência de alta no curto prazo. Segundo ele, a demanda dos bancos centrais continua sendo o principal motor do movimento, com participação relevante também de investidores privados.

— A projeção é de o ouro atingir US\$ 5 mil por onça-troy no curto prazo — afirma.

A perspectiva de juros mais baixos nos EUA também favorece os metais, ao reduzir o custo de manter ativos que não pagam rendimento.

— Com a queda dos juros, o custo de carregamento favorece o ouro, que passa a competir melhor com ativos financeiros tradicionais — diz Costa.